

## **O PAPEL DO TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS NA COMPREENSÃO DE CONCEITOS PELO SURDO**

**Andréia Mendiola Marcon**

mendiola@bol.com.br

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo refletir sobre o processo que ocorre na construção de conceitos pelo surdo na interação com o intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para tanto, faz-se necessário planejar as informações que serão tratadas na ocasião, o que requer um conhecimento específico que envolve o campo linguístico e referencial do intérprete. A coleta de dados dá-se por meio de uma amostra de interpretação realizada em sala de aula na disciplina de português. Na reflexão, verifica-se uma sequência de termos desconhecidos pelos surdos que dificultam a compreensão do enunciado e observa-se como são sanadas essas dificuldades, de acordo com as referências que o intérprete utiliza durante a sua atuação. A interação entre o surdo e o intérprete, na construção de conceitos, é analisada sob a perspectiva de Saussure na formação dos signos linguísticos. A reflexão demonstra que, nessa interação, o surdo pode criar suas ideias com base nas condições referenciais e tradutórias do intérprete.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intérprete; Surdo; Conceitos; Competências; Interação.

### **INTRODUÇÃO**

Neste trabalho, são descritos os processos interacionais que permitem compreender como o surdo constrói conceitos a partir da interpretação de outro profissional: o tradutor/intérprete. Essa reflexão se justifica na medida em que auxiliará na ampliação dos estudos referentes à interação entre o surdo e o intérprete, a qual resultará em um maior conhecimento sobre essa prática, que requer um planejamento tradutório para uma produção interpretativa com maior sucesso em relação ao assunto tratado pelo professor.

A produção interpretativa, muitas vezes, não acontece de maneira simultânea, mas é preciso pensar em escolhas que não comprometam a interpretação. Para o planejamento, faz-se necessário um procedimento prévio de estudos sobre o tema tratado, com vistas à obtenção de uma amplitude relativa às competências linguísticas e referenciais do profissional.

O planejamento prévio é imprescindível para que ocorra a produção de uma interpretação sem ruídos, lacunas ou interrupções, fenômenos que podem acontecer durante a atuação do intérprete, diante de conteúdos específicos das diferentes áreas do conhecimento. Salienta-se que, por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), o intérprete intermedeia uma ação que corresponde à aquisição do conhecimento pelo surdo.

Em sua atuação, a imparcialidade do intérprete junto ao processo de reprodução do conteúdo, falado ou escrito, do português para a Libras destina-se à forma de construção de conceitos pelo surdo sobre o objeto de estudo. Frequentemente, os intérpretes se deparam com problemas de compreensão por parte dos surdos, os quais se devem ao fato de a origem dos conteúdos trazer diversidades linguísticas e palavras desconhecidas. Tais dificuldades emergem, ainda, das condições do contexto familiar, social ou escolar do surdo.

Diante do exposto, pretende-se refletir sobre o modo pelo qual o surdo constrói seus conceitos por meio dos processos interacionais com o tradutor/intérprete, nas atividades de interpretação em sala de aula. Busca-se, assim, verificar a dinâmica desse processo, pensando nas condições referenciais de língua que o surdo traz de suas experiências vividas e que são capazes de contribuir para o processo de sua aprendizagem. Nessa interação, observa-se, também, como o intérprete procede sempre que um ruído na comunicação se revela por parte do surdo.

A fim de se alcançar esses objetivos, apresenta-se uma amostra de interpretação constituída de um trecho do texto “O atraso da religião”, publicado na *Revista Veja* (Petry, 2004: 79) e analisado numa determinada disciplina de Língua Portuguesa de uma escola de educação regular da rede estadual. Na reflexão sobre a interpretação do *corpus*, serão observados alguns termos que o surdo desconhece, examinando como o intérprete interage para sanar essa dificuldade linguística. Após a interpretação do texto, serão levantadas sequências interacionais em que fique evidenciada a presença de construção dos conceitos pelo surdo. Em seguida, serão feitas algumas considerações sobre o texto e as palavras por ele desconhecidas, na qual o intérprete interage, buscando em seu referencial tradutório outro termo do mesmo campo semântico que aquele causador de ruído.

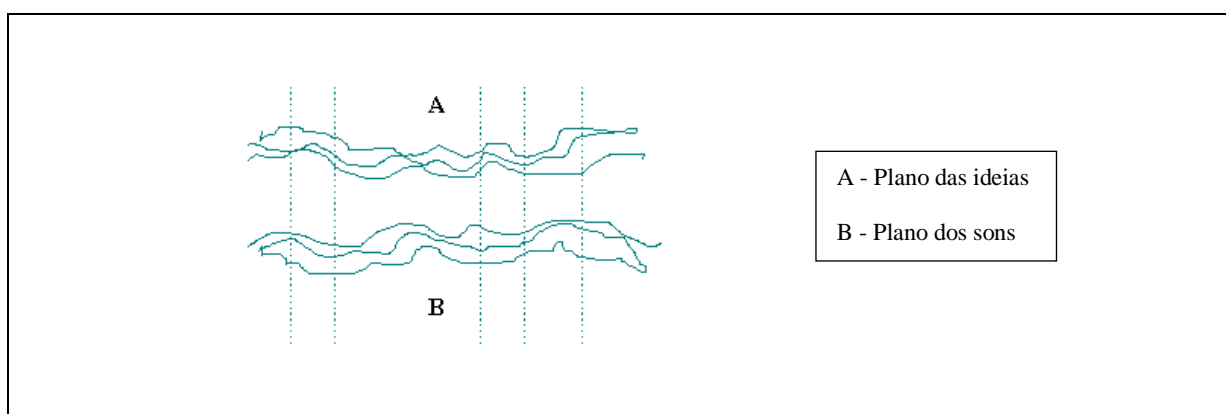
Como fundamentação teórica, adota-se a perspectiva dos estudos linguísticos veiculados no *Curso de linguística geral (CLG, 1995)*, obra referência para este estudo, que versará, entre outras questões, sobre língua e sistema linguístico. As ideias de Ferdinand de Saussure – a partir do *CLG* – são imprescindíveis para qualquer discussão que envolva conceitos como “signo linguístico”, bem como a relação entre as dicotomias “língua e linguagem”, “significante e significado” e “sintagma e paradigma”.

## 1. O SIGNO LINGUÍSTICO SOB A PERSPECTIVA DO *CLG*

No presente artigo, adota-se o conceito de signo linguístico proposto pelo *CLG*, uma vez que tal teoria traz uma visão geral da relação entre significado e significante na construção de signos. A relevância desse aspecto deve-se à possibilidade de se estabelecer um entendimento preciso sobre a formação do signo linguístico, para verificar como o surdo constrói a aprendizagem por meio de sua língua natural em contato com o intérprete.

Entre as reflexões que registra em seu *CLG*, Saussure explica que cada língua cria um mundo a partir do seu ponto de vista, uma vez que cada indivíduo tem uma maneira própria de perceber um mesmo objeto. Segundo ele, a língua é uma relação que liga o pensamento ao som, de modo que, ao determinar sonoramente uma palavra, esta reproduz uma imagem acústica desse som. Da associação desses dois elementos – imagem e som – é que resultará um sentido, formando um signo. Para elucidar esse conceito, o *CLG* (1995: 131) apresenta a metáfora da folha de papel: o pensamento é a frente da folha e o som é o seu verso, sendo impossível cortar um sem que o outro seja afetado. Entretanto, não se tratam de termos/ideias indissociáveis, pois a língua estabelece relações entre significante e significado, ao mesmo tempo, e constrói cada signo, que adquire um sentido e contrapõe outro signo. Diante disso, entende-se por significante a imagem acústica e por significado, o conceito.

Em se tratando dos surdos usuários da Libras, a língua é uma relação que liga o pensamento ao gesto. Ao determinar um sinal ao pensamento, a língua evoca uma imagem ótica que dará sentido ao signo na Libras. Com vistas a esclarecer essa ideia, estabelece-se uma comparação entre o Português e a Libras, usando como referência um esquema sugerido por Saussure:



**Ilustração 1:** Esquema da relação entre significante e significado  
Fonte: Saussure, 1995: 130.

Na primeira linha do esquema, encontra-se o pensamento e na segunda, o som. O português faz um recorte – que não se trata de uma separação, e sim de diferentes possibilidades de entendimento – nas duas linhas e cria um signo. Por exemplo, ao se mencionar a palavra “porco”, pode-se imaginar um animal ou a carne que se come, o que corresponde ao significado. Por outro lado, o significante “porku” é a sequência de fonemas no português usada para pronunciar essa palavra, a imagem psíquica da ideia. Nesse sistema, o signo “porco” se opõe a outros animais e suas respectivas carnes. Na Libras, o pensamento faz dois recortes. No caso da mesma palavra acima, um desses recortes cria o signo “PORCO”, que é o animal, e o outro cria o signo “PORCO”, que é a carne que se costuma comer. Cada um desses signos tem seu próprio valor no sistema da Libras e define-se pela oposição do signo “PORCO” para o animal e do signo “PORCO” para a carne na condição de alimento. Na Libras, a diferença entre esses dois signos é definida pelo contexto.

Segundo o *CLG* (1995: 132):

Por sua vez, a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.

Nessa passagem, observa-se que é na pluralidade que o sistema linguístico se constitui. Num primeiro momento, uma dada palavra circula pela coletividade e, somente após o consenso geral, é que pode tornar-se um signo do sistema da língua. A fonologia analisa em uma língua as unidades mínimas que, ao serem combinadas, podem formar uma unidade maior, a palavra. Por exemplo, *avião* é um signo do português. Quando se usa esse signo, os falantes do português sabem o que isso quer dizer, pois este é um signo que faz parte do sistema linguístico, estabelecido pela coletividade.

Na Libras, o signo linguístico se constitui da mesma forma: passa pela coletividade e, após, é fixado pelo consenso. O mesmo exemplo, *AVIÃO*, na Libras, é representado não pelo som, mas pelos cinco parâmetros dessa língua: configuração de mãos<sup>1</sup>, movimento<sup>2</sup>, ponto de articulação<sup>3</sup>, orientação de mãos<sup>4</sup> e expressão não manual<sup>5</sup>. Na Libras, os sinais *SÁBADO* e

---

<sup>1</sup> “[...] é a forma das mãos na realização de um sinal; na Libras existem 46 CMs” (Quadros; Karnopp, 2004: 53).

<sup>2</sup> “[...] é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, aos movimentos do pulso e aos movimentos direcionais no espaço” (Quadros; Karnopp, 2004: 54).

<sup>3</sup> “[...] é a aquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, perto da qual o sinal é articulado” (Quadros; Karnopp, 2004: 56).

APRENDER, por exemplo, possuem a mesma configuração de mãos, porém o que os diferencia é o ponto de articulação do sinal em contato com a região do corpo, pois SÁBADO é realizado diante da boca e APRENDER, diante da testa.

Assim reflete Saussure a respeito, no *CLG* (1995: 136):

Quando afirmo simplesmente que uma palavra significa alguma coisa, quando me ateno a associações da imagem acústica com o conceito, faço uma operação que pode, em certa medida, ser exata e dar uma ideia da realidade; mas em nenhum caso exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude.

Nesse trecho, verifica-se que o universo linguístico não se detém a um objeto e a um nome para cada objeto, mas que existe um conceito que se relaciona a uma imagem. Os valores dos signos podem ser observados em dois eixos: *sintagmático* e *paradigmático*. No *eixo sintagmático*, observa-se o valor de um signo sobre a diferença que ele estabelece com outro signo. Esse eixo não permite que se troque a ordem dos signos em determinada frase, pelo fato de existir um contraste entre a palavra que é posta antes e a palavra que é posta depois, estabelecendo-se entre ambas uma relação de oposição. No *eixo paradigmático*, observa-se o valor de um signo pela diferença que ele apresenta sobre outro signo que pode ser substituído em um movimento linear, como se, diante de um banco de dados, fosse possível fazer escolhas. Os signos se associam em nossa memória, formando grupos, e, dentro desses grupos, se estabelecem relações de vários tipos. Retoma-se, aqui, o mesmo exemplo oferecido pelo *CLG* (1995: 146) referente à palavra “ensinamento”, a qual é capaz de associar-se com outras, de acordo com seu significado, formando um paradigma com as demais palavras, tais como: ensinar, ensine, aprendizagem, educação, elemento etc.

Na Libras, o eixo paradigmático é vago. Pelo fato de o surdo não possuir audição, precisa ter clara a relação entre o significante e o significado na definição de um signo para poder fazer associações com outros signos. Esse processo acontece por etapas: primeiro este signo, depois aquele. O surdo precisa processar claramente a imagem ao conceito, para, então, poder fazer escolhas e combinações de signos, formando um eixo de paradigma e sintagma.

O estudo tem a intenção de mostrar que situações tradutórias em que o intérprete está atuando para a compreensão de conhecimento pelo surdo é crucial que esse profissional tenha um planejamento tradutório e conhecimentos prévios sobre o que está sendo tratado em uma

---

<sup>4</sup> “[...] é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal, para cima, para baixo, para a frente, para a direita ou para a esquerda” (Quadros; Karnopp, 2004: 59).

<sup>5</sup> “[...] é o movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco e presta-se a dois papéis na Língua de sinais: marcação de construção sintática e diferenciação de itens lexicais” (Quadros; Karnopp, 2004: 60).

determinada situação. Sobre tal aspecto irá tratar a próxima seção, visando a demonstrar essa aproximação e as devidas diferenças quanto à organização dos eixos na Libras.

## **2. O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS E O PROCESSO DE TRADUÇÃO/ INTERPRETAÇÃO**

O tradutor/intérprete de Libras é o profissional que interpreta e traduz a mensagem de uma língua para outra de forma precisa, permitindo a comunicação entre duas culturas distintas. Ele possui, assim, a função de intermediar a interação comunicativa entre o surdo e a pessoa que não usa a Libras.

O intérprete, em situação face a face com o surdo, precisa dar conta de formular todas as informações que estão sendo discutidas. Essa condição vai marcar um momento de planejamento, ou seja, o modo como ele irá organizar todas as informações com base nas suas competências para poder transmiti-las na língua alvo.

A perspectiva da interação é de uma atividade interativa dinâmica. As questões nesse sentido são: como todos os participantes estão elaborando o sentido sobre o que estão falando? O que eles estão fazendo ao falar? Esta interação é uma atividade em que os participantes determinam a cada minuto o significado de alguma coisa que é dita. Essa atividade envolve um ato interpretativo baseado na experiência dos participantes em situações similares, bem como o conhecimento gramatical e lexical (Quadros, 2003: 80).

Considerando-se os diferentes tipos de discurso aos quais o intérprete é exposto, torna-se necessário que ele busque possibilidades de criar ideias sobre o que é usado no momento, além de elementos linguísticos e referenciais que auxiliem o surdo na construção de sentido aos objetos expostos no texto escrito ou falado. Numa situação de interpretação simultânea, existe a preocupação de que esta não seja suficiente à compreensão do discurso pelo surdo, haja vista que a tradução não será exatamente igual ao discurso original. Nessa ocasião, portanto, o intérprete utiliza o planejamento linguístico do locutor. Segundo Quadros (2003: 79):

O foco está no vocabulário e nas frases. Decisões sobre o significado estão baseadas nas palavras. Pensa-se no intérprete como um reproduzidor de textos, sinais, palavras sentenças, quando na verdade sabemos que somente sinais, palavras e sentenças não são suficientes para que o surdo construa sua concepção referente ao discurso.

Confirma a citação acima transcrita o fato de, muitas vezes, a tradução ser interrompida pelo surdo, por falta de conhecimento linguístico. No entanto, percebe-se, no ato

da interpretação, que este adquire a compreensão sobre o assunto, a partir da ideia que o tradutor tem sobre o que é tratado. Por isso, é importante que o tradutor aproprie-se de um conhecimento prévio do discurso que permita proporcionar possibilidades de compreensão ao surdo durante a interpretação.

Para tanto, o intérprete, via de regra, utiliza um procedimento recomendado por vários estudos, isto é, entra em contato previamente com o locutor da fala para discutir termos, significados, esquemas, tudo o que será tratado no momento do discurso. Tais informações podem auxiliá-lo a construir uma rede de significações sobre o tema. Desse modo, o profissional terá condições de planejar sua interpretação, oferecendo ao surdo alternativas úteis à construção de ideias pertinentes ao que é tratado. No contexto da sala de aula,

O intérprete precisa poder negociar conteúdos com o professor, revelar suas dúvidas, as questões do aprendiz e por vezes mediar a relação com o aluno, para que o conhecimento que se almeja seja construído. O incômodo do professor frente à presença do intérprete pode levá-lo a ignorar o aluno surdo, atribuindo ao intérprete o sucesso ou insucesso desse aluno (Lacerda, 2002: 123).

Ressalta-se, com base nesse excerto, que o responsável pela aquisição do conhecimento é sempre o professor, por ser ele o conhecedor do assunto. Além disso, o intérprete organiza seu planejamento, elaborando estratégias linguísticas e referenciais também por meio dos conhecimentos do professor. Desse modo, o planejamento tradutório, ou seja, a organização linguística do texto falado ou escrito sobre o tema a ser tratado, depende das explicações que o educador disponibiliza ao intérprete.

Ao planejar, o intérprete precisa ter o cuidado de não se equivocar para não produzir um sentido diferente do original. Para tanto, quando o surdo não compreende alguma esfera específica da aula, deve pedir orientações ao professor. É importante, nesse ponto, que o tradutor tenha clareza dessa informação para não criar situações que levem a circunstâncias desconfortáveis, pois o profissional intérprete não tem pretensão de medir conhecimentos com o docente, mas de garantir uma comunicação eficaz entre este e o aluno. Aí reside a importância de o intérprete ter um eixo paradigmático amplo, pois, numa interpretação, estará fazendo escolhas e substituições lexicais constantemente, para proporcionar ao surdo um entendimento igualitário em relação aos ouvintes sobre o discurso do professor.

Além disso, o intérprete promove a autonomia do surdo, de forma que ele corresponda às suas necessidades diante das dificuldades linguísticas e referenciais encontradas, muitas vezes, em sua bagagem. Essas necessidades estão relacionadas ao fator conceitos, o que significa que o surdo traz na sua realidade grandes lacunas de relações sobre a significação.

Diante disso, o conceito das palavras suscita uma grande questão: pelo fato de não terem a audição, essa rede de significações torna-se restrita para os surdos. Assim, uma vez que eles desconhecem o sentido das palavras, é necessário que o intérprete, por meio de suas possibilidades de escolha – eixo paradigmático – e de suas referências, abra janelas na interpretação, proporcionando outras possibilidades lexicais, o que, numa tradução de texto, corresponderia a uma nota de rodapé. Essa função se procede na interação entre o intérprete e o surdo por meio da Libras. De acordo com Quadros (2003: 73):

Traduzir um texto em uma língua falada para uma língua sinalizada ou vice-versa é traduzir um texto vivo, uma língua viva. Acima de tudo deve haver um conhecimento coloquial da língua para dar ao texto fluidez e naturalidade ou solenidade e sobriedade se ele for desse jeito.

Conforme expressa o trecho acima, é fundamental explicitar as competências que o tradutor necessita ter na sua formação para que haja uma atuação de sucesso, uma vez que faz parte de sua prática interpretar discursos de diferentes áreas do conhecimento. Essas competências são consideradas importantes no campo da tradução, haja vista que este trabalho visa a entender como o surdo elabora a construção dos conceitos e ideias, a partir dos conceitos que o intérprete possui sobre o tema proposto na situação e da forma como repassa a mensagem.

Robertz (1992 apud Quadros, 2003: 73-4) apresenta seis categorias para analisar o processo de interpretação, as quais serão destacadas a seguir por apresentarem as competências de um profissional tradutor/intérprete:

- 1- **Competência linguística** – habilidade de entender o objeto da linguagem usada em todas as suas nuances e expressá-las corretamente, fluentemente e claramente a mesma informação na língua alvo, ter habilidade para distinguir as ideias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso.
- 2- **Competência para transferência** – Essa competência envolve habilidade para compreender a articulação do significado no discurso da língua fonte, habilidade para interpretar o significado da língua fonte para a língua alvo, sem distorções, adições ou omissão, sem influência da língua fonte para a língua alvo.
- 3- **Competência metodológica** – habilidade em usar diferentes modos de interpretação, para encontrar o item lexical e a terminologia adequada avaliando e usando-os com bom senso e para recordar itens lexicais e terminologias.
- 4- **Competência na área**- conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada.
- 5- **Competência bicultural**- conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos utentes da língua fonte e da língua alvo.
- 6- **Competência técnica** – habilidade para posicionar-se apropriadamente para interpretar.



Partindo dessa premissa, a ideia de imparcialidade no ato da interpretação precisa ser considerada. Somente o domínio da língua de sinais não garante a qualidade da interpretação, sendo preciso que todos esses elementos discutidos no percurso dessa reflexão sejam respeitados para que haja uma ação verdadeira, na qual o surdo se envolva no processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, o surdo e o intérprete tornam-se cúmplices no processo de construção de conceitos. A seguir, verifica-se, o processo de compreensão de conceitos pelo surdo.

### **3. O PROCESSO DE COMPREENSÃO DE CONCEITOS PELO SURDO**

Conforme Quadros (2003: 19), “a língua brasileira de sinais é uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo, [...] usada pela comunidade surda brasileira”. Na Libras, a forma de relações entre o significante e o significado para a formação de um signo se constrói a partir do canal visual.

Sabe-se que os ouvintes têm a parte auditiva desenvolvida em seu cérebro e a todo o instante recebem informações sonoras, seja pelo rádio, pela televisão, na rua ou em qualquer lugar. Essas informações estão em constante movimento no seu pensamento, proporcionando associações para a formação de um signo. O mesmo, porém, não acontece com o surdo. Por não ter o canal auditivo, as informações que ele recebe são visuais, de modo que é pelo olhar que ele adquire todo seu conhecimento e constrói sua rede de significações. Com base nessa noção, é possível pensar que o surdo, ao ler um anúncio de jornal sobre uma vaga de emprego, entenderia o enunciado, pois essa informação não é sonora, e sim escrita, sendo, portanto, um recurso visual. Contudo, somente haverá compreensão sobre o anúncio se o surdo dominar a língua escrita e souber o sentido que as palavras possuem diante de seus olhos. Assim, as palavras lidas devem evocar uma imagem ou ideia do que significa o anúncio.

Há que se considerar, ainda, neste estudo, que a Libras tem uma estrutura diferente da do português. Nela existem elementos gramaticais adequados à ideia desenvolvida que reproduzem a imagem do pensamento. Esses elementos são colocados na frase em uma sequência que estabelece hierarquias entre o que é visto em primeiro, segundo, terceiro lugar, e assim por diante, constituindo o que será sinalizado pelo surdo. Nesse sentido,

A língua de sinais e a falada compartilham propriedades abstratas, mas diferem radicalmente em sua forma externa. As línguas faladas são codificadas em mudanças acústico-temporais variações do som no tempo. As línguas de sinais, contudo,

baseiam-se em mudanças visuoespaciais para assinalar contrastes linguísticos (Hickok; Bellugi; Klima, 1998: 52).

Diante da citação, percebe-se que tanto a língua portuguesa como a língua de sinais possuem propriedades abstratas e se convertem em acústico-temporal e visual-espacial, diferenciando-se na forma externa; isto é, as informações serão internalizadas e processadas no pensamento. Essa informação, por sua vez, será codificada por meio de ideias que serão repassadas através da Libras. Portanto, para que o surdo compreenda o que está sendo dito pelo professor na aula, é preciso, antes, que o tradutor tenha estabelecido, em seu sistema linguístico, uma cadeia de relações sobre o mesmo assunto, a qual lhe proporcione possibilidades de compreensão, sempre respeitando o nível linguístico daquele com quem interage.

Para ilustrar a forma de interação entre o surdo e o intérprete, apresenta-se o segmento interacional, registrada conforme observação da interação entre o aluno surdo e o intérprete durante o horário da aula, a partir do trecho de um texto proposto em um período de 45 minutos pelo professor de língua portuguesa da escola. É importante ressaltar, que nesse contexto, o surdo é um aluno incluído no primeiro ano do ensino médio em uma escola regular da rede estadual de educação, usuário da Libras, e com conhecimentos restritos sobre a estrutura do português, para que haja uma compreensão dos conteúdos. Por outro lado o intérprete de Libras, é graduado em pedagogia, possui um curso básico de Libras e adquiriu fluência na Libras através do contato com a comunidade surda.

As observações contaram com uma visita na escola em sala de aula onde atua um intérprete para um surdo e com conversas informais cujo objetivo é de obter informações relevantes sobre o desenvolvimento do seu trabalho. A transcrição foi realizada a partir de observações da pesquisadora sobre a interação do surdo e do intérprete, diante de uma situação interacional, o qual foi possível verificar um momento ativo do uso da linguagem e estratégias de interpretação que remetem a uma situação de ressignificação e de produção de sentidos a determinada palavra. A seguir uma amostra de interação entre o surdo e o intérprete.

- 1- Professor: hoje iremos tratar sobre o problema da camada de ozônio.
- 2- Tradutor: HOJE AULA SOBRE PROBLEMA C-A-M-A-D-A O-Z-Ô-N-I-O (“Camada de ozônio” será datilologado<sup>6</sup>, pois, na Libras, desconhecemos um sinal correspondente).
- 3- Surdo: C-A-M-A-D-A D-E O-Z-O-N-I-O NÃO SABER
- 4- Tradutor: POLUIÇÃO/ MUNDO/ ACONTECER/ BURACO/ CÉU
- 5- Surdo: POLUIÇÃO/ MUNDO/COMO?
- 6- Tradutor: FÁBRICA/ FUMAÇA/ TAMBÉM/ FOGO/ FLORESTA/ SUJO/ CÉU
- 7- Surdo: PROBLEMA/ C-A-M-A-D-A/ O-Z-O-N-IO/ IGUAL/POLUIÇÃO/ ABRIR/ BURACO/ CÉU.
8. Tradutor: OK

**Ilustração 2:** Segmento interacional

Na primeira linha, o professor da disciplina de português do ensino fundamental de uma escola de educação regular da rede estadual, onde há um surdo incluído e um intérprete, anunciou o tema sobre a *camada de ozônio*, do qual iria tratar em sua aula. Na segunda linha, o tradutor realizou uma interpretação simultânea da fala do professor. Podemos observar, na terceira linha, que o surdo não tinha o conhecimento do que significa camada de ozônio. Ainda que seja um assunto polêmico e muito divulgado pela mídia, essa informação não chegara ao conhecimento do surdo. Portanto, observa-se que, na quarta linha, o tradutor busca referenciais em seu sistema linguístico, para contextualizar uma possível significação de “camada de ozônio”. Na quinta linha, o surdo questiona o que seria a poluição no mundo. O tradutor busca, então, novamente, no seu referencial, escolhas linguísticas que permitem ao surdo elaborar uma imagem, recorrendo, para tanto, a representações como poluição de fábrica e queimadas das florestas. Na sétima linha, o surdo faz a relação do que seja o problema da “camada de ozônio”, produzindo um sentido para essa expressão.

Apresentada essa contextualização, verifica-se uma possibilidade da construção de conceitos por meio das referências do intérprete, em que ele buscou em seu referencial escolhas linguística para sanar um ruído conceitual apresentado pelo surdo, isto é, nesse caso, o surdo não possui em seu sistema referencial e linguístico conhecimento sobre o assunto tratado pelo professor, assim dificultando sua compreensão sobre o mesmo.

. Verifica-se, também, a importância de o surdo ter clareza dos signos sobre o assunto tratado, para que haja um entendimento linear da situação, sem ruídos. Sendo assim, para que esse processo ocorra com sucesso, é indispensável o planejamento por parte do intérprete em relação ao assunto, de modo que este deve buscar informações precisas sobre o objeto de

---

<sup>6</sup> A datilologia (alfabeto manual), sendo um empréstimo linguístico do português, é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal. A datilologia está representada pela palavra separada por hífen (Felipe, 2001: 22).

estudo, para poder interagir, eficientemente, com o surdo nas suas dificuldades linguísticas. Com base em tal premissa, parte-se para a próxima seção, em que será focado o papel do tradutor/ intérprete de Libras e o processo de tradução/ interpretação no contexto da sala de aula.

#### **4. AMOSTRA DE INTERAÇÃO ENTRE O SURDO E O INTÉRPRETE DE LIBRAS**

Para constituir essa amostra, foi observada, numa escola da rede estadual de educação, da cidade de Passo Fundo, em uma turma de quarenta alunos ouvintes do segundo ano do ensino médio, na disciplina de língua portuguesa, em que havia um aluno surdo e um intérprete de Libras atuando. O *corpus* da amostra é uma pequena citação retirada do texto “O atraso da religião”, contextualizado na introdução deste estudo. Os dados foram registrados e transcritos a partir de uma observação feita pela pesquisadora. Na interação entre o surdo e o intérprete, observou-se uma sequência de termos desconhecidos pelo surdo e como o intérprete interagiu para sanar essas dificuldades. Os aspectos considerados na interação entre ambos foram os seguintes: competência linguística (escolhas lexicais) e competência referencial (conteúdo semântico e pragmático).

Na situação, verifica-se um levantamento de informações desconhecidas pelo surdo. A partir disso, são identificadas as escolhas linguísticas e referenciais do intérprete para sanar esse ruído na comunicação.

A seguir, será apresentada a amostra. Do lado esquerdo, está a versão da língua fonte, o português, e do lado direito, a versão transcrita através de glosa<sup>7</sup> da língua alvo, Libras. A amostra está exposta em duas situações: na primeira, o surdo vai ler o texto, para ele, como se fosse uma leitura silenciosa, na modalidade escrita do português, sem a interferência do intérprete e apontar as palavras que desconhece. Na segunda situação, acontece a interação entre o surdo e o intérprete por meio da tradução/interpretação do assunto.

---

<sup>7</sup> O termo “glosa”, neste contexto, é entendido como uma palavra que traduz aproximadamente o significado de outra (CEFET/SC, 2007: 15).

<b>Primeira situação</b>	
<b>Texto da Revista Veja Português</b>	<b>Língua Brasileira de Sinais Texto lido pelo surdo</b>
“É inacreditável, mas o totalitarismo religioso prefere um embrião no lixo, jogado nos monturos, a tê-lo sobre a mesa de um laboratório de pesquisa, onde pode trazer a cura de doenças...”	“É inacreditável, mas o totalitarismo religioso prefere um..... no lixo, jogado nos ..... a tê-lo sobre a mesa de um laboratório de pesquisa, onde pode trazer a cura de doenças...”

**Ilustração 3:** Primeira situação de interação

Nessa passagem, evidencia-se uma perda de informações durante o processo. No entanto, o surdo desconhece algumas palavras, dificultando a compreensão do texto, ou seja, essas palavras não têm um sentido para ele, porque nesta situação não sabe o que significam.

Na segunda situação, o surdo passa a compreender o significado das palavras a partir das referências que o intérprete dispõe sobre o assunto do texto. Ressalta-se que, na estrutura da Libras, não existe preposição, conjugação de verbos e artigos. Por esse motivo, o texto transcrito em letras maiúsculas é uma representação da Libras em forma de glosa.

<b>Segunda situação</b>	
<b>Português</b>	<b>Língua Brasileira de Sinais Interação entre o surdo e o intérprete no momento da tradução/interpretação</b>
<p>1. É inacreditável, mas o totalitarismo religioso prefere um embrião no lixo, jogado nos monturos,</p> <p>2. A tê-lo sobre a mesa de um laboratório de pesquisa, onde pode trazer a cura de doenças...</p>	<p>1. Intérprete inicia a tradução do parágrafo: <b>ADMIRAR/ RELIGIÃO/ GERAL/ ESCOLHER JOGAR/</b> intérprete faz datilografia: <b>E-M-B-R-I-Ã-O-M-O-N-T-U-R-O-S.</b></p> <p>2. Surdo interrompe a interpretação e questiona: <b>E-M-B-R-I-Ã-O/ M-O-N-T-U-R-O-S/ QUE SIGUINIFICAR;</b></p> <p>3. Intérprete contextualiza o conceito das duas palavras não compreendidas pelo surdo a partir de seu referencial, no ato de sua interpretação: a) <b>E-M-B-R-I-Ã-O/ IGUAL/ CRIANÇA NASCER/ ANTES/ TEMPO/ MORRER</b> b) <b>M-O-N-T-U-R-O-S/ IGUAL/LIXO</b></p> <p>4. Surdo apresenta uma expressão de espantado e relaciona embrião a criança que nasce morta e monturos a lixo. Compreende o conceito das duas</p>

	<p>palavras:</p> <p><b>NÃO SABER/ ISSO/AGORA/ENTENDER</b></p> <p>5. Intérprete continua tradução do parágrafo:</p> <p>a) <b>IGREJA/ACEITAR</b></p> <p><b>NÃO/LABORATÓRIO/PESQUISAR/E-M-B-R-A-O</b></p> <p>6. Surdo se certifica com o intérprete do conceito de embrião.</p> <p><b>E-M-B-R-I-A-O/CRIANÇA/NASCER /MORRER/CERTO;</b></p> <p>7. Intérprete confirma a questão do surdo:</p> <p>a) <b>CERTO</b></p> <p>8. Intérprete continua a tradução do parágrafo:</p> <p>b) <b>PESQUISA/ PODE/ DESCOBRIR/ SUMIR/ DOENÇA/VARIAS.</b></p> <p>9. Surdo apresenta uma compreensão da mensagem do parágrafo a partir das dúvidas conceituais sanadas pelo intérprete:</p> <p>Surdo:</p> <p><b>RELIGIÃO/GERAL/ ESCOLHER/ JOGAR LIXO CRIANÇA MORRER/ ACEITAR NÃO/ PESQUISA/TENTAR DESCOBRIR/ DOENÇA VARIAS/CURAR;</b></p> <p><b>10. Intérprete:</b></p> <p>CERTO.</p> <p><b>11. Surdo</b></p> <p>ENTENDER</p>
--	---

**Ilustração 4:** Segunda situação de interação

Nessa passagem, verifica-se que o intérprete utilizou seu referencial tradutório, buscando, no eixo paradigmático, possibilidades de escolhas e combinações lexicais para interpretar o assunto do português, que, muitas vezes, na Libras, por ser uma língua de modalidade diferente, acaba por não ser compreendido. Nesse momento, o intérprete precisou fazer escolhas e combinações com outros léxicos para substituir aquele que o surdo desconhece; é como se estivesse o tempo todo parafraseando com as palavras. Veja-se que, no ato da interpretação, o intérprete escolheu substituir a palavra da língua fonte *embrião*, o intérprete fez datilologia E-M-B-R-I-Ã-O; na Libras, embrião desconhecemos um sinal específico; o surdo desconhece a palavra e pergunta o que esta significa. Sendo assim, nota-se que o intérprete abriu uma janela e fez uma relação de embrião, nesse contexto, com uma

criança que nasce antes do tempo e morre. Ainda no texto, verifica-se outra situação igual à anterior: a palavra *monturo* também é feita em datilologia (M-O-N-T-U-R-O). Como o surdo não sabe o que significa, o intérprete abriu outra janela, fazendo uma relação com a palavra *lixo*.

Esses dois trechos do texto evidenciam as escolhas e combinações lexicais que o intérprete buscou no seu repertório de escolhas – eixo paradigmático – para resolver o ruído no conteúdo semântico. O intérprete tirou conclusões sobre o conteúdo ministrado pelo professor e ofereceu suas conclusões na língua alvo. Todas as decisões quanto às escolhas estão coerentes com a mensagem original. Como se fosse à produção de um texto escrito, em que o autor para deixar claro ao seu leitor o conceito de determinada palavra, inserisse no mesmo uma nota de rodapé. Notemos que nesse caso, o intérprete não precisou buscar as informações das palavras com o professor da disciplina, pois o intérprete disponha em seu repertório lingüístico o conceito das duas palavras, assim facilitando sua interação tradutória com o surdo.

Essa amostra ilustra elementos de construção de conceitos no processo de interação entre o surdo e o intérprete a partir da ideia que o intérprete tem sobre o assunto, o surdo identifica a noção de significante e significado das palavras. Na amostra, percebeu-se que o surdo não tinha a idéia do que significava as referidas palavras (*embrião* e *monturo*), dificultando a sua compreensão no texto. O surdo passou a definir um conceito das duas palavras, a partir da interação referencial do intérprete. Notemos que no item nove, o surdo apresenta uma compreensão da mensagem do parágrafo como um todo. Em outras palavras, somente com a exposição do texto, não foi possível o surdo compreender seu sentido, foi necessária, a composição referencial do intérprete, isto é, nesse exemplo ele precisou realizar a partir dos conceitos das palavras que ele já tinha internalizado, escolhas lexicais adequadas para a língua alvo, uma vez que o português e a Libras são duas línguas de modalidades diferentes.

Nesta amostra, evidencia-se com clareza uma situação que parece ser comum na área de interpretação, pois pelo fato de o surdo muitas vezes não ter acesso as informações que o rodeiam e também pelo fato dele não ter a fluência na língua portuguesa na modalidade escrita ele acaba por não compreender o conceito de palavras de um determinado assunto, texto ou parágrafo. Como apresentado na amostra, o surdo precisa ter uma clareza dos conceitos sobre as palavras do texto, para então, poder dar sentido a mensagem que o mesmo quer transmitir, caso contrário o texto fragmentado passa a ser um peso para o surdo diante das dificuldades conceituais que ele encontra para sua compreensão.

No entanto, é importante salientar que na relação entre o intérprete e o surdo na interação tradutória, o texto pode continuar sendo incompreensível se o intérprete não possuir um repertório lingüístico e referencial sobre o assunto exposto. Na amostra, percebemos uma interpretação sucedida, pelo fato de o intérprete já ter internalizado um conhecimento prévio sobre o assunto, isso facilitou sua atuação e também sanou um ruído de compreensão pelo surdo, por ele desconhecer alguns conceitos presentes no texto.

Diante disso, reforçamos a importância do intérprete precisar de conhecimentos prévios para poder formular as informações em sua mente. Neste caso, como o intérprete disponibilizava conhecimento referencial das palavras, não houve necessidade de solicitar ao professor maiores explicações sobre o conceito da mesma

O intérprete por sua vez, ao detectar esse fraguimento referencial e lingüístico do surdo, fez uma tomada de decisão para resolver tal impasse, uma vez que ele também está envolvido no processo de aprendizado do surdo, no papel de assegurar o conhecimento transmitido em determinada situação, a partir da comunicação de duas línguas, Português (língua fonte) para a Libras (língua alvo).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho buscou compreender a construção de conceitos pelo surdo a partir da interação com o intérprete de Libras, sempre que o primeiro sente dificuldade por desconhecer as palavras postas no texto. O trabalho mostra a importância dessa interpretação para uma interação com sucesso, ou seja, o intérprete realiza “explicações”, como se fossem notas de rodapé no ato da interpretação, para contextualizar um fato, utilizando o seu referencial lingüístico e fazendo escolhas lexicais para sanar a dificuldade que o surdo encontra.

Esse fato é visível à medida que o intérprete está atuando e as dificuldades do surdo em identificar tal palavra vêm à tona. Nessas situações, o tradutor acaba proporcionando possibilidades de conceitos para o surdo a partir das suas referências lingüísticas. Dessa forma, o surdo passa a construir suas ideias com base no referencial que o intérprete traz daquilo que está em discussão. Para tanto, o percurso teórico do *CLG*, no que concerne às considerações sobre o signo lingüístico, direcionou – para este estudo que tem o olhar do intérprete – uma visão diferenciada da relação entre significante e significado e do eixo do paradigma e sintagma, apresentando como esta se dá na prática de interpretação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CEFET/SC. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos (NEPES). *Aprendendo língua brasileira de sinais como segunda língua*. Santa Catarina: CEFET/SC, 2007. Disponível em: <<http://www.cultura-sorda.eu/resources/Aprendendo+Lingua+Brasileira+de+Sinais+como+segunda+lingua.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2012.
2. FELIPE, Tânia A. *Libras em contexto*. Brasília: MEC; SEESP, 2001.
3. HICKOK, Gregory; BELLUGI, Úrsula; KLIMA, Edward. A língua de sinais no cérebro. *Revista Científica American Brasil*, Edição especial, Portugal, n. 4, 1998.
4. LACERDA, Cristina B. F. de. O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. In: LODI, Ana Claudia. *et al. Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.
5. PETRI, André. O atraso da religião, *Revista Veja*, Edição 1867, p. 79, 18 ago. 2004. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/180804/andre\\_petry.html](http://veja.abril.com.br/180804/andre_petry.html)>. Acesso em: 28 mai. 2012.
6. QUADROS, Ronice Muller de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC; SEESP; Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, 2003.
7. QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
8. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect on the occurring process in the construction of concepts by the deaf in hospital admission with the interpreter of Brazilian Sign Language (Libras). For this purpose, planning information to be treated in the occasion is required, demanding a specific knowledge that involves the linguistic and referential field of the interpreter. Data collection is performed by an interpretation sample gathered in Portuguese classes. Within the reflection, a sequence of terms unknown to the deaf is verified, making comprehension of the statement hard, and how these difficulties are solved is observed according to the references the interpreter uses during his work. Interaction between the deaf and the interpreter, in the construction of concepts, is analyzed under the Saussure perspective in the formation of linguistic signs. Reflection shows that, in this interaction, the deaf may create their own ideas based on referential and translating conditions of the interpreter.

**KEYWORDS:** Interpreter; Deaf; Concepts; Competencies; Interaction.

Recebido no dia 1º de junho de 2012.

Aceito para publicação no dia 14 de agosto de 2012.